

No meio do caminho tinha um jornal: Drummond em textos jornalísticos – questões de interdiscursividade

In the middle of the way there was a newspaper: Drummond in newspaper texts – issues in interdiscursiveness

Rafael Prearo Lima*, Patrícia Silvestre Leite Di Iório**

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre aspectos que constituem a interdiscursividade por meio de sua observação em textos jornalísticos. Para isso, considerar-se-á o poema “No Meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado, primeiramente, na Revista de Antropofagia, em 1928, e, posteriormente, na obra “Alguma Poesia”, em 1930. Os tão criticados versos impactaram de tal forma o imaginário coletivo dos sujeitos da época que seus ecos repercutem até hoje. Assim, este trabalho observará como o poema drummoniano se faz presente em textos jornalísticos atualmente. Para esta análise, partiremos da proposição de Orlandi (2005) que afirma que memória discursiva, ou interdiscurso, é “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”, de forma que os enunciados são constituídos de repetições e ressignificações de outros enunciados já produzidos e é nessa tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos que o funcionamento da linguagem se sustenta. Além do poema, o *corpus* deste trabalho será constituído por cinco textos jornalísticos, oriundos de três diferentes fontes em suas versões *on-line*. Serão considerados os efeitos dos sentidos do poema de Drummond em cada um dos textos apresentados. Assim, espera-se que seja possível observar como a questão da “pedra no meio do caminho” funciona, via simbólico e imaginário, nestes textos.

PALAVRAS-CHAVES: interdiscursividade. memória. análise do discurso.

ABSTRACT: This work, part of a greater research conducted by the research group called “Ensino de línguas numa perspectiva discursiva e textual”, in the line of research “Texto, discurso e ensino: processos de leitura e de produção do texto escrito e falado”, in the post-graduation master’s degree course in Linguistics at the Universidade Cruzeiro do Sul, aims at reflecting upon the aspects that constitute

* Mestre em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul. Especialista em Língua Inglesa pela Universidade São Judas Tadeu.

** Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Português pela Universidade Braz Cubas. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia linguística, análise do discurso e ensino de língua portuguesa. É autora e organizadora de obras acadêmicas.

interdiscursiveness through the observation of newspaper texts. To do so, Carlos Drummond de Andrade's poem "No Meio do Caminho" will be taken into consideration. It was first published in "Revista de Antropofagia", in 1928, and later in the book "Alguma Poesia", in 1930. The so-criticized verses impacted the collective imagery of society in such a way that their echoes still reverberate nowadays. In this way, this work will observe how this poem is made present in current newspaper texts. To do so, we will consider Orlandi (2005), whose proposition is that discursive memory, or interdiscourse, is what has been said before, in another place, independently, in a way that such enunciations are composed by repetitions and redefinitions of other previously produced enunciations and it is in the tension between paraphrasing and polysemic processes that language production stands on. Besides the poem, the corpus of this work will be composed by five different newspaper texts from three different sources, all of which from their on-line versions. The effects of Drummond's poem will be taken into consideration as the "stone in the way" is observed within the imagery produced through each text.

KEYWORDS: interdiscursiveness. memory. discourse analysis.

Calcificações iniciais

Publicada em 1930, a obra "Alguma Poesia", de Carlos Drummond de Andrade, é considerada como o marco inicial da segunda fase do Modernismo no Brasil. Em meio a um conturbado cenário político-econômico-social, situado em um período pós-Primeira Guerra Mundial e, mais diretamente, pós-quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, o livro causou alvoroço no meio intelectual brasileiro ao veicular o poema "No Meio do Caminho", lançado inicialmente na Revista de Antropofagia, em 1928, e publicado em 1930 no livro Alguma Poesia*. Alvo de duras críticas da imprensa, o poema causou grande inquietação, entre outros fatores, pelos versos livres e em linguagem coloquial que repetiam "tinha um pedra", em lugar do gramaticalmente aceito "havia uma pedra".

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

* Para desenvolvimento deste trabalho, foi utilizada a versão do livro publicada em 2013.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(ANDRADE, 2013, p. 36)

A repercussão gerada pelas publicações do poema e do livro impactou de diferentes formas o imaginário coletivo da época, tanto por aqueles que exaltavam a ousadia de Drummond, quanto por aqueles que o desprezavam pelo mesmo motivo. Como resultado, os ecos de “No Meio do Caminho” emanam em diferentes obras até hoje. O objetivo deste trabalho é observar os efeitos parafrásticos e polissêmicos desse poema drummoniano em diferentes textos jornalísticos. Nesse sentido, o *corpus* deste trabalho será constituído por cinco textos jornalísticos, oriundos de três diferentes fontes, a saber, os jornais *O Globo* (três textos publicados em 31/01/2008, 30/05/2010 e 16/08/2013), *Folha de São Paulo* (publicado em 30/01/2004) e *Brasil de Fato* (publicado em 05/09/2011), que estabelecem relações memorialísticas com o poema “No Meio do Caminho”.

O jornal *O Globo*, cuja circulação está direcionada para o público da região metropolitana do Rio de Janeiro, embora seja o segundo jornal mais lido no país inteiro, foi fundado em 1925 e faz parte das Organizações Globo. A *Folha de São Paulo*, pertencente ao Grupo Folha, foi fundada em 1921 e, assim como *O Globo*, está entre os jornais de maior abrangência nacional, sendo a *Folha* o jornal de maior circulação nacional tanto na sua versão impressa como na versão digital. O jornal *Brasil de Fato* foi lançado durante o Fórum Econômico Social no ano de 2003, em Porto Alegre. Ele possui circulação nacional e é direcionado para o debate de ideias a respeito da necessidade de mudanças sociais no país, defendendo uma posição esquerdista. Todos os textos jornalísticos utilizados provêm da versão *on-line* dos periódicos mencionados.

A linha teórica utilizada para a análise desse *corpus* será a da Análise do Discurso de linha francesa, com base nos estudos de Maingueneau (1997,

2004), Orlandi (2005) e Pêcheux (2010), dentre outros. Serão considerados os efeitos dos sentidos do poema de Drummond em cada um dos textos apresentados, observando-se como a questão da “pedra no meio do caminho” é compreendida dentro do imaginário desses discursos. Nossa opção foi por traçar um percurso retrospectivo que parte dos textos mais atuais, por se tratarem de textos mais fáceis de serem lembrados, e segue aos textos mais antigos.

Considerações sobre interdiscurso

Para o desenvolvimento desta análise, é preciso levar em conta alguns conceitos que permeiam a Análise do Discurso (AD). Partindo do pressuposto de que linguagem e discurso são diferentes, Brandão (2004) explica que a linguagem é uma atividade comunicativa exercida entre sujeitos e que, ao produzirem linguagem, os sujeitos produzem discursos. A linguagem caracteriza-se pela estruturação de uma representação mental lógica (seja ela falada, escrita, gestual, visual etc.) ao passo que o discurso é a materialização dessa linguagem produzida e que acontece na interação entre sujeitos. Ao produzir linguagem, o homem produz discursos (MAINGUENEAU, 1997).

Dentre as características inerentes ao discurso descritas por Maingueneau (2004), convém destacar que o discurso: (I) possui organização transfrástica, mobilizando estruturas de outra ordem que as das frases e, para compreendê-lo, deve-se transpor questões linguísticas e gramaticais, considerando fatores extralinguísticos; (II) é orientado, por ser produzido em função de uma perspectiva assumida pelo interlocutor e ser produzido linearmente no tempo; (III) é contextualizado e só possui sentido no contexto em que é produzido; (IV) é produzido por um sujeito (EU), que se coloca responsável pelo que se diz e em torno do qual se estruturam as referências de tempo e espaço; (V) tem efeito polifônico, porque cada discurso produzido contém outras vozes presentes, vozes com as quais concordo, discordo parcial

ou totalmente; (VI) é construído em uma rede interdiscursiva, estando cada discurso em interação com outros já produzidos ou em produção.

Essa noção de discurso é ampliada por Pêcheux (1975 *apud* Orlandi 2005, p. 17), que traça uma relação língua-sujeito-ideologia ao citar que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. O sujeito, então, produz discursos utilizando-se da linguagem que, por sua vez, evidencia sua ideologia.

Para que seja possível compreender o sentido de um discurso, é preciso considerar alguns elementos que permeiam sua produção, denominados condições de produção (BRANDÃO, 2004; ORLANDI, 2005), a saber, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto que tratam, assim como o contexto sócio-histórico e ideológico em que o discurso e os sujeitos estão inseridos. Além destes, deve-se levar em conta o papel da memória em relação à produção do discurso.

Sob o ponto de vista histórico-antropológico, Le Goff (2003, p. 419) define memória como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Dentro da AD, esse acesso às impressões ou informações passadas, bem como sua reprodução, pode ser feito individualmente ou no âmbito coletivo. Payer (2006) discorre sobre como uma sociedade possui sentidos históricos marcados em sua linguagem e como, pela repetição, esses sentidos são sustentados socialmente, constituindo memória. Ela afirma que

(...) ao se falar sobre a própria língua, enquanto produção humana e sócio-histórica, também está se falando em memória, porquanto nela funciona a *repetição*. A memória trabalha e é trabalhada, pois, na própria construção da língua, e isto constitui o fundamento do que entendemos como discurso. Podemos então dizer que há memória na língua. (PAYER, 2006, p. 39 - *grifo nosso*)

Para a AD, apesar de possível, a repetição não significa necessariamente repetir palavra por palavra, mas também está relacionada à reprodução de discursos, o que pode levar a um deslizamento, uma ressignificação ou a uma quebra do regime de regularização dos sentidos (INDURSKY, 2011). Dada a dificuldade de se limitar quais repetições representam o que é o mesmo e quais representam o que é diferente dentro da produção de discursos, é possível afirmar que o funcionamento da linguagem se sustenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos (ORLANDI, 2005). A paráfrase representa o retorno ao mesmo espaço do dizer e as diferentes formulações do mesmo dizer já sedimentado. Já a polissemia representa o deslocamento (deslizamento) e a ruptura de processos de significação (ressignificação). Ao ponderar sobre a imprensa, Coracini (2007) explica que essa repetição de discursos, com seus deslizamentos e ressignificações, constituem a memória discursiva.

Memória discursiva, ou interdiscurso, é, segundo Orlandi (2005, p. 31) “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente; (...) o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Essa noção é corroborada por Pêcheux (2010, p. 52), que afirma que memória discursiva é aquilo que, no âmbito da leitura, restaura os implícitos de que a leitura necessita, “a condição do legível em relação ao próprio legível”. Esses implícitos referem-se aos já (pré-)construídos, citados, relatados, os discursos-transversos, constituindo o imaginário individual e coletivo da sociedade e que possibilita a (re)produção de discursos. Eckert-Hoff (2010) explica memória como

(...) interpretação, invenção, ficção, rememoração, em que o esquecimento faz parte do agenciamento do passado, logo, não há controle se é o inventado, o imaginado, o negado, o memorado, pois não há limites entre ficção e realidade; de ambas, podem-se vislumbrar rastros (*spuren*) do sujeito cindido. (ECKERT-HOFF, 2010, p.90)

Considerando-se que o esquecimento é constitutivo da memória, é necessário que os já-ditos por outros sujeitos se apaguem em nossa memória e passem para o anonimato para que nossas palavras façam sentido. Dessa forma, o esquecimento torna-se estruturante (ORLANDI, 2005). Uma vez que a interdiscursividade é constituída pelo esquecimento, vale ressaltar que este pode ser categorizado em (I) esquecimento número dois, ou esquecimento enunciativo, referente se ao falar de uma maneira e não de outra. É parcial, semi-consciente e visitado quando se parafraseia para explicar melhor o que se quer dizer; e (II) esquecimento número um, ou esquecimento ideológico. É inconsciente e deriva pelo modo como a ideologia nos afeta (PÊCHEUX, 1975, *apud* ORLANDI, 2005).

Sob esses conceitos a respeito de memória, constituída por meio de deslizamentos e ressignificações, e marcada na linguagem por meio da repetição e do esquecimento, quer enunciativo, quer ideológico, é que desenvolveremos a análise do *corpus* selecionado para este trabalho.

Em meio às pedras, tinha vários caminhos

Na primeira parte deste trabalho, ao de-superficializarmos o discurso, isto é, ao contextualizarmos as condições de produção do *corpus* (o interlocutor e o lugar de onde ele fala, além do contexto sócio-histórico em que cada notícia está inserida), obtivemos o objeto discursivo, cuja formação discursiva, no que se refere à interdiscursividade, analisaremos neste momento.

“Chinês se recusa a vender sua casa e imóvel fica bem no meio da estrada”

A notícia “Chinês se recusa a vender sua casa e imóvel fica bem no meio da estrada”, publicada pelo jornal *O Globo*, em agosto de 2013, retrata o caso de uma família na China que, tendo sua casa construída em meio à passagem de uma recém-inaugurada rua, decide não vender o imóvel. Apesar de ser um jornal publicamente respeitado e de ter um amplo alcance representativo, *O*

Globo veiculou a notícia em tom semelhante aos tabloides britânicos, ou seja, publicou o acontecimento mais com caráter de entretenimento e curiosidade do que com a intencionalidade de instruir e/ou acrescentar informações de relevância ao leitor.

No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho”. O poema de Carlos Drummond de Andrade cairia bem para a situação que ocorre em Xi'an, província de Shaanxi, na China. Só que no caso, seria: “No meio da rua tinha uma casa. Tinha uma casa no meio da rua”. Trata-se de uma residência de três andares no meio da recém-construída estrada Kaiyuan. Os moradores — uma família de sete pessoas — foram enfáticos ao afirmar que não pretendem vender a casa. (O GLOBO, 16/08/13 - *demais parágrafos omitidos*).

Observando-se a materialidade textual, é possível afirmar que o locutor faz uso de um processo parafrástico ao retomar a noção presente no imaginário cultural brasileiro de que a “pedra no meio do caminho” drummoniana representa um problema. Isso é evidenciado quando o locutor parafraseia o verso inicial, trocando “pedra” e “caminho” por “casa” e “rua”, respectivamente.

O texto possibilita a leitura de que a “casa no meio da rua” é um problema a ser resolvido pelo governo chinês. Levando-se em consideração que tanto a China como seu governo possuem dimensões grandiosas, a casa representa, então, uma pequena pedra obstruindo o desejo estatal chinês de ver seus objetivos serem concluídos no que se refere à liberação da recém-inaugurada rua.

A escolha do título da notícia deixa transparecer a visão do locutor em relação ao proprietário da casa, que seria alguém sem importância. Essa observação pode ser feita quando o proprietário é referido simplesmente como “chinês”, tendo sua identidade ignorada. O fato de tanto a cidade como a província onde ele reside, bem como a estrada, serem nominalmente referidas acrescenta à ideia de que, frente à opulência do governo chinês, esse proprietário seria apenas uma “pedra” (dentre as mais de um bilhão na China) que literalmente está no meio do caminho.

Além da anonimidade do sujeito, também é possível observar que o uso do advérbio “bem” no título sugere que o locutor demonstra impaciência e/ou indignação. Esse efeito de sentido não seria percebido se o fato tivesse sido reportado como “Chinês se recusa a vender sua casa e imóvel fica no meio da estrada”. No entanto, no modo utilizado na construção do título, “bem” recupera no imaginário da língua portuguesa a questão da crítica, do repreender alguém. Nesse sentido, “bem” sugere, na verdade, a conotação de algo ruim.

Essa impaciência e indignação também são percebidas no verbo “recusar-se”, que, entre outras definições, significa “não conceder; não aceitar; não obedecer”[†]. Ao utilizar esse verbo, o locutor denota o fato como se o proprietário fosse uma pessoa teimosa e/ou que ignora que sua atitude é um estorvo para os planos do governo. Para o locutor, a venda da casa seria algo natural a acontecer, algo a que não se pode resistir, mas a que se deve ceder, uma vez que não se recusa algo aparentemente bom (o que, para o locutor, seria a venda da casa).

É interessante notar, no entanto, que, se traduzida literalmente e veiculada em meios de comunicação chineses, a mesma matéria dificilmente traria os mesmos sentidos aqui produzidos, a não ser para aqueles que conhecessem a obra de Drummond, visto ser esse texto constitutivo, ainda que não para a totalidade da população, da memória e do imaginário coletivo brasileiro.

“No meio do caminho tinha uma pedra”

Para a análise da notícia “No meio do caminho tinha uma pedra”, destacamos suas condições de produção. Tendo sido lançado durante o Fórum Econômico Social, em 2003, por movimentos populares, como o MST, o jornal *Brasil de Fato*, que defende uma posição esquerdista, possui em sua filosofia o

[†] Dicionário online Caldas Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

debater ideias, apresentar e analisar os fatos com o intuito de causar mudanças sociais no país. Dentro desses objetivos, é publicada a notícia a seguir, que faz menção à campanha anti-*crack* do então vereador pedetista do Rio de Janeiro Brizola Neto. Ideologicamente, o PDT é um partido de centro-esquerda, fundado por Leonel Brizola, avô de Brizola Neto, com a participação de, entre outros, a atual Presidente da República, Dilma Rousseff (PT).

Nessa notícia, aborda-se a questão da “pedra no caminho” em referência ao consumo drogas e, mais especificamente, ao *crack*, cujo uso é cada vez maior entre crianças. Há duas referências ao poema drummoniano: uma na manchete da notícia e outra na campanha articulada por Brizola Neto.

No meio do caminho tinha uma pedra

Com a difusão da cocaína a um preço elevado, o mercado das drogas criou outras formas de usá-la de modo a atingir efeitos mais intensos, mesmo que com menor duração. Em meados da década de 1980, aparecem novas substâncias obtidas por meio da mistura de cloridrato da cocaína com ingredientes cada vez mais tóxicos. Surge, então, o *crack*, uma forma fumável de cocaína disseminada em vários segmentos sociais no Brasil a partir de 1990. Com a adição de bicarbonato de sódio dissolvido na cocaína com o calor, gera-se uma pedra quando a substância esfria. Com a produção mais barata e maior propensão a gerar dependência, é uma maneira de gerar mais lucro aos traficantes. (...)

O vereador carioca Brizola Neto (PDT) articulou em 2009, na Câmara Municipal, a campanha “Crack – Tire esta pedra do seu caminho”. Mas não teve muito retorno da prefeitura e da própria sociedade que, segundo ele, lida mal com as crianças em situação de rua, as principais afetadas pela droga. Houve à época uma audiência pública, e o vereador também visitou os abrigos para esses jovens. Chegou à conclusão de que eles não são adequados ao tratamento das crianças usuárias de *crack*. Brizola Neto está aguardando um relatório do Conselho Regional de Enfermagem sobre esses espaços. (BRASIL DE FATO, 05/09/11 - *demais parágrafos omitidos*).

Na primeira referência, o título, o locutor faz uma citação literal de Drummond, ainda que não atribua a ele os versos. Em seguida, ao discorrer sobre a questão das drogas, pode-se observar um deslizamento, quando ele remete-se à pedra drummoniana e a ressignifica como *crack*. Nesse processo polissêmico, é apresentada uma nova leitura dos já citados versos.

Esse mesmo processo pode ser notado na campanha pedetista, “Crack – tire esta pedra do seu caminho”. O locutor não só trabalha com a questão do

imaginário de que “tinha uma pedra no meio do caminho”, mas vai além ao afirmar, através do uso do imperativo, que é preciso livrar-se dela. Uma vez que a campanha visa a construção de abrigos para crianças usuárias de *crack*, pode-se entender que essa droga está ao alcance dessas crianças, que podem encontrar a droga pelo “meio do caminho”.

O discurso político esquerdista permeia a escolha verbal do locutor quando este se refere ao vereador Brizola Neto, que possui uma também posição de esquerda (ainda que de centro). É dito que ele “articulou” a campanha, mas “não teve retorno da prefeitura”. Em seguida, é dito que ele “visitou” os abrigos e que “chegou à conclusão” de que não eram adequados. Por fim, ele “está aguardando” um relatório sobre os espaços. A forma em que o texto é posto sugere ao interlocutor que Brizola Neto é alguém muito envolvido com a causa social, como assim se pressupõe aos de esquerda. É de se questionar sob quais critérios um vereador pode “concluir” que determinados lugares são ou não apropriados para o tratamento de crianças usuárias de *crack*, função esta exercida, por exemplo, por agentes da Vigilância Sanitária ou pelo próprio Conselho Regional de Enfermagem citado no texto.

“E no meio de Venus tinha uma Petrova”

A notícia “E no meio de Venus tinha uma Petrova” reporta uma partida de tênis entre a norte-americana Venus Williams, então segunda colocada no *ranking* feminino de tênis, e a russa Nadia Petrova, que ocupava a 20ª posição na época em que a notícia foi produzida. Considerada como favorita, Williams é derrotada por Petrova. Em textos de cunho esportivo, é recorrente a utilização do termo “pedreira” quando há referência a adversários difíceis de serem superados. O locutor resgata essa noção de “pedreira” ao colocar uma das tenistas como “pedra”, ou seja, dura adversária.

Tal como a russa Maria Sharapova, ainda não será desta vez que a americana Venus Williams juntará à sua brilhante coleção o título de Roland Garros. Neste domingo, a segunda cabeça-de-chave buscava uma vaga nas quartas de final. Mas no meio do caminho tinha uma

pedra. Nesse caso, Nadia Petrova. Recordista de aces na chave feminina (com 23), a russa acaba de bater a número 2 do mundo por 6-4 e 6-3. (O GLOBO, 30/05/10 - *demais parágrafos omitidos*).

O poema de Drummond está presente interdiscursivamente no título, que é um deslocamento do principal verso do poema. Neste caso, o locutor desliza a noção de caminho e de pedra por meio de uma paráfrase, apresentando respectivamente Venus Williams, a que está traçando seu caminho ou seguindo pelo caminho, e Nadia Petrova, aquela que está no meio do caminho. Há também uma repetição mnemônica dos versos na terceira linha do trecho, confirmando a referência a Drummond.

Destacamos no título da notícia “E no meio de Venus tinha uma Petrova” o jogo de palavras entre Venus, a tenista, e Vênus, o planeta, assim como entre o nome da tenista russa, Petrova, e o termo pedra. Ainda que não haja relação entre o termo português “pedra” com o vocábulo equivalente em russo (*камень*, ou *kamen*), é possível resgatar, com base na memória discursiva, os termos em grego *petrós* (“pedra”, “pedregulho”) e em latim *petram* (“rocha”). O radical dessas palavras (*petr-*) se assemelha ao nome Petrova que, nesta notícia, representa a pedra de Drummond. Dessa forma, o título da notícia sugere a preferência do locutor pela norte-americana, visto haver no meio do planeta Vênus – Venus Williams, representada como algo grandioso, importante, celestial – uma pedra: Petrova, representada como algo pequeno, insignificante, porém que incomoda, que é um obstáculo.

É possível fazer a leitura de que Petrova estava no meio de Vênus, o planeta, e, sendo assim, seria menor e/ou menos importante. Da forma em que foi escrito, o título sugere que Venus não representa apenas alguém pelo caminho, mas, dentro do imaginário cabível ao poema de Drummond, o caminho em si. Essa preferência a Venus Williams, segue ao longo do texto. Ao dizer “ainda não será desta vez”, supõe-se que o locutor torcia por um título de Venus no torneio de Roland Garros. Isso fica claro quando, logo após o “ainda não será desta vez”, a tenista tem sua atuação exaltada com a menção de sua “brilhante coleção”.

Logo a seguir, a conjunção adversativa “mas” confirma esse tom de pesar, remetendo a ideia de que, mesmo sendo uma jogadora com “brilhante coleção” de títulos, a tenista sofrera um revés. Acrescentando a adversativa “mas” ao verso drummoniano, “Mas no meio do caminho tinha uma pedra”, distingue-se a “pedra” como algo grande, um obstáculo difícil, ou mesmo impossível, de ser transposto. O texto atribui à Nadia Petrova a qualidade de ser essa pedra ao dizer, “Nesse caso, Nadia Petrova”.

Ao final do trecho, o locutor procura novamente enaltecer o desempenho de Venus referindo-se a ela não pelo nome, mas como “a número 2 do mundo”, confirmando mais uma vez, então, a preferência do locutor por Venus Williams e o tom de pesar da notícia.

“Brasileiro encontra ‘elo perdido’ entre crocodilos”

A notícia “Brasileiro encontra ‘elo perdido’ entre crocodilos”, publicada em agosto de 2008 também pelo *O Globo*, reporta a descoberta de um fóssil de crocodilo por um brasileiro. O locutor remete-se à questão da pedra no caminho de forma literal. Ele não apenas evoca o verso escrito por Drummond, mas se utiliza das mesmas palavras para explicar que um importante fóssil foi descoberto.

No meio do caminho tinha uma pedra. E nesta, o fóssil de uma espécie até então desconhecida de *crocodilomorfus*, que, segundo pesquisadores do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Museu de Paleontologia de Monte Alto, em São Paulo, pode ser a peça que faltava para explicar a evolução deste grupo de animais ao longo do tempo. Batizado de *Montealtosuchus arrudacamposi*, este indivíduo seria o elo perdido entre os crocodilos que habitaram a Terra na pré-história e as espécies mais recentes. O estudo teve apoio da Faperj. (O GLOBO, 31/08/08 - *demais parágrafos omitidos*).

O locutor retoma um dizer já sedimentado dentro do imaginário brasileiro fazendo uso de uma repetição empírica (ORLANDI, 2005), simplesmente repetindo o verso do poema. Em seguida, no entanto,

observando-se a forma com que o texto foi escrito, é possível dizer que o locutor atribui outra conotação para o verso “no meio do caminho tinha uma pedra”, não a de um problema a ser resolvido, mas a ideia de algo que ocorreu por acidente. Ao atestar a descoberta de uma espécie desconhecida, o texto permite dizer que o fóssil possa ter sido encontrado de forma aleatória e, talvez, até acidental, já que a pedra que o continha estava “pelo caminho” (e não escondida ou de difícil acesso).

Não se percebe, como nos versos drummonianos ou nos textos analisados anteriormente, o sentido de problema, incômodo, ou algo que atrapalha o caminho, mas sim o de algo muito importante, de ser uma preciosidade, pois “pode ser a peça que faltava para explicar a evolução deste grupo de animais ao longo do tempo”.

“Aos portadores de cálculo renal e ministros”

Assinado por José Sarney, então presidente do Senado brasileiro, a crônica[‡], “Aos portadores de cálculo renal e ministros”, foi escrita durante o início do segundo ano de mandato de Luís Inácio Lula da Silva (janeiro de 2004). Em meio a um iminente início de troca de posições ministeriais, José Sarney escreve o texto acima procurando fazer uma analogia entre seu problema renal e trocas de ministros.

O material usado por Deus para fazer o mundo foi a pedra. E fez pedra de todo material. Quando o homem quis continuar a obra do Criador, valeu-se da pedra e com ela fez maravilhas. A pedra dá uma noção de perpetuidade, de duração. Assim Cristo disse a São Pedro: “Tu és pedra”. E com ela defendeu todos os homens: “Quem nunca pecou atire a primeira pedra”. Foi tão ampla a fórmula de Deus para fazer pedras que deu aos nossos frágeis corpos fabricar pedras. Já me fez produzir pedras de colesterol e urobilina, que me levaram a vesícula. E agora, quando estava com a alma machucada e triste com

[‡] Apesar de originalmente publicado como *artigo de opinião*, decidimos reclassificar “Aos portadores de cálculo renal e ministros” como sendo uma crônica, dadas as características do gênero. Foge do escopo deste trabalho, no entanto, a discussão sobre qual é a melhor classificação a se adotar.

a perda de minha mãe, fez minha máquina de pedras produzir ditas de ácido úrico, de cálcio e outras que o laboratório ainda não me revelou. Foi então que compreendi o poema do Drummond: "No meio do caminho tinha uma pedra". O caminho era a metáfora do ureter. E vi que Drummond completava sua inspiração renal quando dizia que Itabira era uma "fotografia", mas "como dói!". A minha pedra me fez conhecer aquilo que falam ser a maior dor do mundo: a do parto, sem direito a cesariana. Percorri, entre esperanças e pajelanças, o caminho de injeções analgésicas, anti-inflamatórios, e não recusei os chás caseiros para o mijocárdio, todos os que me prescreviam e que iam desde cabelo de milho, caroço de bacuri e de melancia, raiz de chanana e quebra-pedra até a oração da cabra-preta, reza de passar-pedra.

Nesse flagelo, li as declarações do presidente Lula de que sofria para mexer as pedras do ministério. Quis dar-lhe um consolo, dizendo que por essas dores já passei, mas ele que se prepare, pois vão voltar. Falo de experiência feita. (...) Criou-se no Brasil a cultura de que pedra de demitir ministro é como cálculo renal: dói. (...) Volto ao Drummond: "Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas, que no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho." E não era ministro. Era mesmo de cálcio. (FOLHA DE SÃO PAULO, 30/01/04 – *alguns trechos foram omitidos*).

Tendo em mente o poema de Drummond, a questão das pedras é então abordada sob duas perspectivas. A primeira refere-se à pedra como cálculo renal. Para chegar a esse conceito, o locutor adota um discurso religioso, discorrendo a respeito de "Deus" e do "Criador", ambos denotados com letra maiúscula, e o trabalho de sua criação pelo uso de pedras, passando por algumas passagens bíblicas, como a que se refere Pedro (que, aliás, significa "pedra" – do grego *petrós*). Em seguida, ele atribui a Deus a responsabilidade quanto ao fato de corpo humano produzir pedras. Nesse ponto, a questão da pedra do poema de Drummond é trazida à tona e recebe inusitada ressignificação. Para o locutor, a "pedra" remete a seus cálculos renais; o "caminho", a seu ureter.

A segunda menção a Drummond refere-se ao fato do então presidente Lula tentar reestruturar seus ministérios. Nesse sentido, as pedras remetem a alguns ministros que, receosos com possíveis rumores de afastamento do cargo, questionavam o presidente. É estabelecida, então, uma analogia entre a demissão de ministros e pedras no rim: ambas são questões dolorosas. Isso

fica claro quando é dito que Lula “sofria para mexer as pedras do ministério”, assim como pedras no rim causam sofrimento quando se movimentam.

O locutor produz ironia ao dizer “quis dar-lhe um consolo, dizendo que por essas dores já passei, mas ele que se prepare, pois vão voltar”. Essa ironia se dá na ambiguidade, novamente, entre os cálculos renais do locutor e a dificuldade em se exonerar ministros, ambas situações já vivenciadas por ele, que outrora fora presidente da República e semelhantemente passara pelo mesmo desconforto (de demitir ministros).

Ao final do texto, o locutor produz novamente um tom irônico ao citar os versos de Drummond e confirmar a existência das pedras no caminho. A ironia se estabelece mais uma vez em uma ambiguidade apresentada entre a demissão dos ministros e as pedras no rim do próprio locutor, tendo os versos de Drummond como pano de fundo.

Considerações finais

Tendo-se observado as condições de produção em cada texto, convém elencar aqui algumas importantes observações referentes à formação ideológica. No primeiro texto, nota-se que o sujeito assume o discurso político, defendendo o governo chinês e apresentando a questão do proprietário, cuja casa ficava no meio da rua, como um absurdo. A notícia reflete a ideologia inerente ao próprio jornal *O Globo*, parte integrante das Organizações Globo, que, entre outras questões, defendeu a ditadura militar na década de 60 e, mais recentemente (2013 e 2014), sofreu duras críticas quando se omitiu ao não noticiar em sua totalidade (pelo menos a princípio) a onda de protestos ocorridos por causa do aumento no preço das passagens de ônibus. Sob essa perspectiva, o locutor reproduz o discurso da organização onde trabalha.

Na notícia a respeito da campanha “Crack – Tire esta pedra do seu caminho”, esse mesmo tom político é percebido. Ao reportar a respeito do vereador centro-esquerdista, o jornal *Brasil de Fato*, também esquerdista, supervaloriza a ação do político, atribuindo a (tão-somente) Brizola Neto como

o responsável por todas as ações, supondo que ele não fosse assistido e/ou assessorado por uma equipe maior.

Também na notícia referente ao jogo de tênis, o locutor deixa vaziar sua ideologia quando as palavras do locutor, ainda que talvez inconscientemente, revelam sua preferência por uma das tenistas em detrimento à outra.

Na crônica de José Sarney, destacamos que, apesar de revestido de um discurso médico que discute cálculos renais, há a forte presença de um discurso político que trata da necessidade do Presidente Lula reestruturar os seus ministérios e de como este processo pode ser “doloroso”. O locutor ao mesmo tempo em que anuncia que gostaria de consolar o presidente “quis dar-lhe um consolo, dizendo que por essas dores já passei”, faz uma ameaça “mas ele que se prepare, pois vão voltar. Falo de experiência feita”.

Em relação ao poema de Drummond e suas ressignificações, é possível perceber como um determinado texto quando sedimentado dentro da memória discursiva de um grupo social, pode produzir diferentes formulações, deslocando-se em seu significado e/ou ressignificando-se em novos enunciados.

Uma vez que nenhum enunciado é constitutivamente original, mas se sustenta em enunciados (re)produzidos em outros discursos, é natural que processos parafrásticos e polissêmicos permeiem toda a produção discursiva e, em momentos de deslocamentos e em rupturas de processos de significação, é que novos sentidos são produzidos e atribuídos àqueles previamente estabelecidos. É nesse sentido que diferentes locutores produzem textos em cujos discursos a “pedra” de Drummond é ressignificada, como comentado ao longo deste trabalho, em fósil, obstáculos (quer grandes ou pequenos), *crack*, cálculo renal e exoneração de ministros. Percebemos, então, como o discurso literário se faz presente por meio do discurso jornalístico, cabendo, então, ao interlocutor trazer à tona com sua própria bagagem cultural (memória discursiva ou interdiscurso) os momentos em que esse fenômeno ocorre e como eles se (res)significam.

Ao detalharmos como um determinado texto literário não apenas ecoa, como também é ressignificado em outros textos, este trabalho pôde, então,

debruçar-se sobre a análise da interdiscursividade presente em textos da esfera jornalística, em um meio que comumente se dedica a discutir os fundamentos teóricos concernentes ao interdiscurso.

Nesse sentido, embora, tradicionalmente, o discurso jornalístico possua uma construção factual, que procura demonstrar a isenção do sujeito, percebe-se que um determinado texto literário não apenas ecoa, mas também é ressignificado em outros textos. A presença da memória discursiva literária no discurso jornalístico pouco tem sido explorada em trabalhos acadêmicos, assim há outras pedras a serem (res)significadas pelo caminho.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CHINÊS se recusa a vender sua casa e imóvel fica bem no meio da estrada. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/imoveis/chines-se-recusa-vender-sua-casa-imovel-fica-bem-no-meio-da-estrada-9585185/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: língua (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. In: *A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro*. 1ª ed. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 59-78.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. (Dis)sabores da língua ma(e)terna: os conflitos de um entre-lugar. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 79-106.

GÓES, Ângela. Brasileiro encontra 'elo perdido' entre crocodilos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 2008. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/ciencia/brasileiro-encontra-elo-perdido-entre-crocodilos-3635072/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 67-87.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

LOIO, Gustavo. E no meio do caminho de Venus tinha uma Petrova. *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 2010. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/blogs/topspin/posts/2010/05/30/e-no-meio-do-caminho-meio-de-venus-tinha-uma-petrova-295799.asp/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

ORLANDI, Eni de Lourdes Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

PAYER, Maria Onice. Da memória no discurso. In: *Memória na Língua: imigração e nacionalidade*. 1ª ed. São Paulo: Escuta, 2006. p. 25-55.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-57

SÁ, Eduardo. UCHOAS, Leandro. No meio do caminho tinha uma pedra. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, 05 de setembro de 2011. Disponível em <<http://www.brasildefato.com.br/content/no-meio-do-caminho-tinha-uma-pedra/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

SARNEY, José. Aos portadores de cálculo renal e ministros. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 de janeiro de 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3001200407.htm/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

